



SEÇÃO: O CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO DE AUTORIA FEMININA

Conceição Evaristo: a contadora de histórias

Conceição Evaristo: the storyteller

Conceição Evaristo: la cuentista

Pauline Champagnat¹

orcid.org/0000-0002-4345-8500
pauline.champagnat@hotmail.fr

Recebido em: 15 fev. 2021.

Aprovado em: 29 jul. 2021.

Publicado em: 9 nov. 2021.

Resumo: O presente artigo visa a investigar algumas das características emblemáticas dos contos de Conceição Evaristo, ressaltando o aspecto da oralidade e o talento da autora como contadora de histórias, que transparece na sua escrita. Dessa maneira, resolvemos escolher três contos da autora: "Mansões e puxadinhos" (2017), "O sagrado pão dos filhos" (2017) e "A moça do vestido amarelo" (2017), todos tirados da coletânea de contos "Contos de leves enganos e parecenças" (2017) de Conceição Evaristo. Cada conto será analisado através de uma ou duas características mais marcantes como: a denúncia das injustiças, a representação de resistências, ou a evocação da ancestralidade e da resistência afro-brasileira. Para isso, iremos nos apoiar no conceito das memórias subterrâneas de Michael Pollak (1993) e no conceito da resiliência, desenvolvido por Eurídice Figueiredo (2020).

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Conto. Ancestralidade. Literatura afro-brasileira.

Abstract: The current article aims at studying a few iconic aspects in Conceição Evaristo's tales, highlighting the aspect of orality and the writer's talent as a storyteller that reflects in her writing. That's why we chose three tales from the author: "Mansões e puxadinhos" (2017), "O sagrado pão dos filhos" (2017) and "A moça do vestido amarelo" (2017), all from the book of tales: "Contos de leves enganos e parecenças" (2017) from Conceição Evaristo. Every tale will be analyzed from one or two iconic aspects such as: the denunciation of injustices, the depiction of resilience, the evocation of the ancestry and the afro-brazilian resistance. To this end, we will rely on Michael Pollak's concept of underground memories (1993) and the concept of resilience, developed by Eurídice Figueiredo (2020).

Keywords: Conceição Evaristo. Tale. Ancestrality. Afro-brazilian literature.

Resumen: El presente artículo busca estudiar algunas de las características emblemáticas de los cuentos de Conceição Evaristo, destacando el aspecto de la oralidad y el talento de la autora como cuentista, lo que se insinúa en su escritura. De esa manera, decidimos elegir tres cuentos de la autora: "Mansões e puxadinhos" (2017), "O sagrado pão dos filhos" (2017) y "A moça do vestido amarelo" (2017), todos tirados de la recopilación "Contos de leves enganos e parecenças" (2017) de Conceição Evaristo. Cada cuento será analizado a través de una o dos características más notables como: la denuncia de las injusticias, la representación de resiliencias, la evocación de resistencias, o la evocación de la ancestralidad y de la resistencia afro-brasileña. Para eso, vamos nos apoyar en el concepto de las memorias subterráneas de Michael Pollak (1993) y en el concepto de la resiliência, desarrollado por Eurídice Figueiredo (2020).

Palabras clave: Conceição Evaristo. Cuento. Ancestralidad. Literatura afro-brasileña.



Introdução

Conceição Evaristo é uma autora que reivindica sua ascendência afro-brasileira. Foi inicialmente conhecida graças à revista *Cadernos Negros*, na qual publicou diversas vezes desde 1990. O poema que a tornou famosa e se tornou emblemático da sua escrita é "Vozes-Mulheres" (1990). Nasceu numa favela de Belo Horizonte em 1946. Filha de uma lavadeira, teve que trabalhar como empregada doméstica por muitos anos, e estudar ao mesmo tempo, até se formar em 1971 e começar a ensinar em uma escola. Ao fazer isso, já rompia com as expectativas da sociedade brasileira, que lhe repetia de forma implícita que o lugar que deveria ocupar era a cozinha das famílias afortunadas. A autora tem plena consciência disso e considera a sua escrita como um ato de resistência no seio de uma sociedade que dá pouquíssimas oportunidades de ascensão social aos negros:

O que eu tenho pontuado é isso: é o direito da escrita e da leitura que o povo pede, que o povo demanda. É um direito de qualquer um, escrevendo ou não segundo as normas cultas da língua. É um direito que as pessoas também querem exercer. Então Carolina Maria de Jesus não tinha nenhuma dificuldade de dizer, de se afirmar como escritora. [...] E quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado, né? A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito (ARAÚJO, [2010]).

Ciente de não estar no lugar no qual a sociedade espera vê-la ao escolher o ofício de escritora, Conceição Evaristo decidiu continuar os estudos até o doutorado. Não vinha de um meio social que a predisponha a ir tão longe nos estudos, muito menos a se tornar a escritora reconhecida que é hoje. Sua recente popularidade junto ao leitorado brasileiro é muito significativa tanto do ponto de vista literário quanto do ponto de vista social:

Minha família não tinha acesso a políticos...E as famílias importantes, tradicionais, que conhecíamos era a partir do fato de as mulheres da minha família – e eu mesma – termos trabalhado como domésticas, lavadeiras, pas-

sadeiras, arrumadeiras, babás para elas. Uma questão nova passava a ser colocada. Minha prima, que também se formara no ano anterior, e eu, estávamos quebrando uma tradição. Quebrávamos uma extirpe de domésticas, não seríamos as suas prováveis empregadas (DUARTE, 2011, p. 106).

Uma das grandes fontes de inspiração de Conceição Evaristo foi Carolina Maria de Jesus. Nascida em 1914, numa comunidade rural de Minas Gerais, moradora de uma favela de São Paulo, ela também vinha de um meio social desfavorecido. Carolina Maria de Jesus começou a escrever sobre o cotidiano dos moradores da favela em velhos cadernos que ela achava no lixo. Esses cadernos deram à luz a obra: *Quarto de despejo: Diário de uma Favelada*, publicado em 1960. A publicação desse livro marcou profundamente Conceição Evaristo e sua família, o que levou a própria mãe a começar a escrever um diário.

Ao evocar a sua família, a existência de uma tradição de contar que passava pela oralidade é óbvia. Apesar do fato de não ter muitos livros em sua casa, a autora insiste na existência de uma verdadeira tradição literária oral na sua família. Essa tradição visava instruir, transmitir as histórias. Na obra de Conceição Evaristo, existe sempre a representação da transmissão da história de uma geração para a outra. A oralidade se faz igualmente presente na sua escrita.

Assim, para o presente artigo, resolvemos focar em algumas características marcantes da obra da autora. Iremos associar cada característica estudada a um conto de sua autoria. Embora algumas características possam ser encontradas diversas vezes em diversos contos. No conto "Mansões e puxadinhos" (2017), a denúncia das injustiças sociais prevalece, enquanto em "O sagrado pão dos filhos" (2017), modelos antigos de resistência contra às adversidades dos afro-brasileiros, principalmente das mulheres negras, são apresentados. Enfim, em "A moça do vestido amarelo" (2017), aparecem traços sobre ancestralidade e resiliência.

Vale lembrar que, embora essas características estejam também presentes na poesia e nos livros em prosa da autora, o formato curto do conto faz

com que estas sejam apresentadas de maneira mais condensada, às vezes com frases de muito impacto, como veremos mais adiante. A oralidade detém uma importância significativa, e isso pode ser associada à tradição oral existente em sua família, e, de forma mais geral, à tradição oral dos contadores africanos. Não é por acaso que muitos são os autores africanos de língua portuguesa que escolhem o formato do conto, já que este parece se adequar com mais facilidade à transcrição de uma história oral em uma história escrita.

Algumas características do conto em Conceição Evaristo

O termo "escrevivência" inventado por Conceição Evaristo para definir sua obra dá conta da importância da vivência para a criação literária. Esse neologismo é composto por dois termos que quase entram em contradição – escrever e vivência – pois o primeiro é ligado à escrita, enquanto o segundo se refere à transmissão das histórias de forma oral. Para a autora, essa escrevivência serve para despertar as consciências, pois como ela bem disse: "A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para "ninar os da casa-grande" e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (EVARISTO, 2007).

Essas memórias orais contradizem a "memória oficial" e dão voz às minorias. Já que a oralidade desempenhou um papel tão central na formação de Conceição Evaristo enquanto escritora e pessoa, podemos emitir a hipótese de que a necessidade de transcrever essas vozes silenciadas na escrita poderia corresponder a um desejo de lhes conferir legitimidade por parte das tradicionais instituições hegemônicas. Segundo Michael Pollak (1993), a emergência das memórias subterrâneas pertencentes às culturas minorizadas e dominadas muitas vezes se deu através da oralidade:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos deixados de fora e das minorias, a história oral faz transparecer a importância das memórias subterrâneas que, parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro tempo, essa perspectiva faz da empatia com os grupos dominados em questão uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. Ao contrário de Maurice Halbwachs, enfatiza o caráter destruidor, uniformizante e opressor da memória coletiva nacional. Ademais, essas memórias subterrâneas, que perseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de forma quase despercebida, emergem em momentos de crise em bruscos sobressaltos exacerbados. A memória vira desafio. Os objetos de pesquisa são escolhidos preferencialmente onde há conflito e competição entre memórias concorrentes (POLLAK, 1993, p. 18, tradução nossa).²

O recurso às histórias do passado para construir as narrativas do presente é uma das características emblemáticas da escrita de Conceição Evaristo. Por isso, a autora gosta de usar termos antigos, palavras africanas, ou fazer referência a mitologias africanas que sobreviveram à escravidão no Brasil. Ela se inscreve num processo de resgate da memória afro-brasileira, que adquire uma dimensão política, já que se trata de fazer ressurgir memórias que tinham sido apagadas das grandes narrativas nacionais. Ao decidir contar sua versão sobre o discurso nacional, essas minorias tentam reestabelecer uma verdade (FIGUEIREDO, 2013, p. 149).

Para Conceição, o ato de escrita de uma mulher negra, numa sociedade tão machista e racista quanto a brasileira, adquire automaticamente uma dimensão de insubordinação. Sua escrita já constitui um ato político, pois ela se coloca deliberadamente em um lugar que implicitamente não lhe é autorizado pela sociedade brasileira. Ela resolve ocupar esse espaço interdito para dar voz aos afro-brasileiros e escrever sua própria versão de diversos fatos históricos da história do Brasil, principalmente os ligados à escravidão.

² Do original: En privilégiant l'analyse des exclus, des laissés-pour-compte et des minorités, l'histoire orale a fait apparaître l'importance de mémoires souterraines qui, partie intégrante des cultures minoritaires et dominées, s'opposent à la «mémoire officielle», en l'occurrence la mémoire nationale. Dans un premier temps, cette approche fait de l'empathie avec les groupes dominés étudiés une règle méthodologique et réhabilite la périphérie et la marginalité. Contrairement à Maurice Halbwachs, elle met l'accent sur le caractère destructeur, uniformisant et opprimant de la mémoire collective nationale. Par ailleurs, ces mémoires souterraines qui poursuivent leur travail de subversion dans le silence et de façon presque inaperçue affleurent à des moments de crise en de brusques sursauts exacerbés. La mémoire devient enjeu. Les objets de recherche sont choisis de préférence là où il y a conflit et compétition entre mémoires concurrentes.

Assim, sua escrita se inscreve no registro do "eu-coletivo". O "eu" enunciativo fala no nome de uma coletividade. Esse lugar de fala se torna ainda mais importante pelo fato de ser acessível para um número tão restrito de pessoas da comunidade afro-brasileira. Na construção das suas personagens, podemos reconhecer alguns traços autobiográficos da autora. Conceição Evaristo tem plena consciência dessa fusão entre a escrita e a vida, através do suporte ficcional. Para Conceição Evaristo, parece que a ideia de escrita está mais ligada a um ato coletivo do que solitário. O seu romance *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), para o qual viajou através do Brasil em busca de histórias de vidas femininas, lembra essa iniciativa de troca, de interação. No prefácio do livro, a autora reivindica a sua não-obrigação em relatar as histórias exatamente como lhes foram contadas, em nome da liberdade da criação artística concedida pela escrita. Assim, pode "romancear" histórias ou fatos vividos, mesmo os vindos da própria memória. Como ela o lembrou, o simples fato de se rememorar implica uma perda da veracidade dos fatos, já que a memória possui essa função de "ficcionalizar as lembranças" (EVARISTO, 2011).

Mansões e puxadinhos: a denúncia das injustiças

Nas obras de Conceição Evaristo, muitas referências são feitas ao passado escravocrata do país. Longe de se contentar com uma exploração passiva dessas imagens que pertencem à memória cultural afro-brasileira, a autora dá um sentido peculiar à sua evocação. Em um primeiro tempo, permite denunciar as desigualdades sociais sofridas pelos afro-brasileiros no tempo da escravidão, mas também na época contemporânea.

A favela, por ser um lugar onde muitos afro-brasileiros foram morar depois do fim da escravidão, e no qual seus descendentes continuam tendo que enfrentar péssimas condições de alojamento, saneamento básico, escola, saúde pública e insegurança, torna-se um lugar muito significativo para discutir a ordem social desigual herdada dos tempos da escravidão.

Apesar de seu isolamento, se levarmos em conta a sua localização geográfica, a favela não é um lugar fechado em si mesmo, pois funciona numa dinâmica de interdependência com os bairros nobres vizinhos: homens ou mulheres trabalham para patrões desses bairros, a alimentação em energia ou água também provém desses bairros vizinhos.

Essa inevitável relação de interdependência é representada no conto "Mansões e puxadinhos" (2017), no qual, apesar de os personagens nunca realmente serem nomeados, temos o retrato de uma classe dominante, que mora nas mansões, enquanto outra classe mais popular mora nos puxadinhos, lá no alto do morro, com uma lindíssima vista para o mar. Mesmo assim, os moradores vivem suas vidas sem ter a consciência de serem quase vizinhos:

E assim viviam os habitantes "Das Asas de Anjo", um povo ignorando o outro. Entre as mansões e os puxadinhos nenhuma relação de vizinhança, embora muitos dos que habitavam as casinhas especialmente as mulheres, trabalhassem nas mansões imponentes do lugar. Os homens, muitos também. Eram os jardineiros, os porteiros, os motoristas e os seguranças das casas ao lado (EVARISTO, 2017, p. 56).

A maioria desses trabalhos implica, de maneira quase sistemática, tarefas associadas aos pequenos serviços, à limpeza. Assim, a ordem estabelecida desde a época da escravidão, quando os escravos da Casa Grande cuidavam da cozinha, da limpeza ou das roupas sujas do Senhor e da sua família, permanece intacta. O trabalho manual ainda é bastante associado ao trabalho escravo no Brasil. Além disso, pode-se notar a dinâmica de sujeira e limpeza como representativa da ordem social injusta na qual os moradores da favela vivem. De fato, além das péssimas condições de alojamento e de infraestrutura da favela, seus moradores, as mulheres principalmente, são confrontadas com a sujeira proveniente da casa dos seus patrões, as quais devem limpar, ou com as suas roupas sujas que trazem para lavar em casa. No entanto, apesar de ser um lugar paradisíaco (como tantas vezes é representado o Brasil), de vez em quando surge nos morros um cheiro extremamente fétido, que torna a vida dos seus habitantes insuportável:

Do alto do morro, os moradores tinham uma visão privilegiada de uma parte da cidade. O mar brincava que brincava lá em baixo. Suas águas se apresentavam, pela distância, tão serenas, que, para alguém que não conhecia a geografia da cidade, essa pessoa poderia pensar para o mar, lagoa. Mansões ali erguidas abrigavam luxuosamente famílias com histórias de poder e abuso em seus currículos. Uma imensa floresta, falsamente em preservação, esverdeava a área em torno. Porém, apesar do verde que se espalhava morro acima, um cheiro fétido contaminava o ar, em determinadas ocasiões. Sem oferecer qualquer previsão e aviso, o tempo malcheiroso chegava com um odor maléfico desconsertando a todos (EVARISTO, 2017, p. 53).

O surgimento desse odor fétido no meio do cenário paradisíaco do mar e do lindo morro poderia representar uma alegoria para a o legado da escravidão no Brasil, que apesar de algumas mudanças ainda bastante recentes, nunca foi discutido de forma assumida e frontal pelos poderes públicos. A ideia de que esse cheiro sempre surge de forma inexplicável confere a noção de um problema antigo e mal resolvido, porém, sobre o qual ninguém fala abertamente, sendo apenas "um cheiro", algo inconstante e invisível.

No entanto, como o mau-cheiro do lugar estava se tornando insuportável, os moradores das mansões chamaram cientistas de todos os países para tentar resolver o problema. Para ser mais preciso, todos os pesquisadores não foram chamados, ou pelo menos não da mesma maneira. De forma muito irônica, a autora mostra a criação de uma hierarquia dos saberes implicitamente baseada numa classificação dos cientistas provenientes dos chamados "países do primeiro mundo", e os outros. Assim, os cientistas americanos foram os primeiros a ser chamados, procedendo assim a uma hierarquização dos conhecimentos baseada numa escala dos saberes que fora firmada na percepção que se faz de países considerados como "mais avançados" que o Brasil:

Desconfiados da competência americana, foram chamados cientistas europeus para investigar no próprio local; a conclusão foi a mesma. O ar irrespirável pelo insuportável odor não tinha nenhuma ligação com a natureza do entorno. Cientistas indianos e outros provindos de culturas orientais foram cogitados para tais pesquisas; quanto aos africanos, nenhum foi chamado (EVARISTO, 2017, p. 53).

O lacônico "quanto aos africanos, nenhum foi chamado" é bastante evocador e representativo da percepção que se faz dos pesquisadores africanos no Brasil. Pode também estar ligado à ideia do "epistemicídio" das populações negras, termo cunhado por Djamilia Ribeiro (2019, p. 21) para se referir ao fato de que o racismo da sociedade brasileira criou e ainda hoje cria a perda de uma fonte importantíssima de saberes.

No entanto, um dia, a aparição do cheiro desagradável fez com que os moradores das mansões descobrissem que eram vizinhos dos habitantes dos puxadinhos. A partir daí, os moradores das mansões, as chamadas "pessoas do bem" – termo usado pela autora de forma irônica como uma denúncia do tratamento das populações chamadas "pobres", "carentes" ou "marginais" pela mídia e pela polícia brasileira –, começaram a acusar os moradores dos puxadinhos pelo cheiro fétido, certos de que isso só poderia vir da casa deles. Então, a autora representa o efeito perverso e a repercussão psicológica dessas acusações para os moradores dos puxadinhos. Existe a representação de uma introjeção de valores negativos atribuídos aos habitantes dos puxadinhos pelos habitantes das mansões:

Os dos puxadinhos, perplexos e temerosos, descobriram então quem era vizinho de quem. E antes mesmo de chegarem à metade da expedição recuaram e informaram aos das mansões que não tinham encontrado nada, a não ser a moradia deles próprios. A guerra então foi declarada e a culpa imputada à população dos puxadinhos. Esses, temerosos com a ameaça constante de que seriam mandados embora da área, pois havia algo de podre no ar, mesmo com a convicção de que não eram eles os culpados, foram tomados pela síndrome da assepsia compulsória (SAC). Vítimas então de um estado de espírito, um misto de medo e de culpabilidade, apesar de serem inocentes, passaram a lavar exageradamente, noite e dia, seus puxadinhos, seus corpos e seus pertences. Os das mansões continuaram a insistir em seus novos motivos de reclamações. Diziam que uma torrente de águas fétidas descia das casas dos indesejáveis moradores dos puxadinhos. E assim foi durante anos (EVARISTO, 2017, p. 57).

A introjeção desses valores negativos se traduz pela necessidade compulsiva de se lavar e de limpar suas casas, como uma maneira de provar a sua inocência. A culpa automaticamente atribuída

aos moradores dos puxadinhos é representativa de um discurso que deprecia a favela e seus habitantes. A ideia de que o primeiro morador desses puxadinhos era um "filho sem pátria, dentro da própria pátria" (EVARISTO, 2017, p. 54) ressalta o fato de que os afro-brasileiros nunca foram realmente integrados à sociedade brasileira mesmo depois da abolição da escravidão. Como diz Conceição Evaristo, apesar do Brasil ter completado mais de dois séculos da abolição da escravatura, o acesso à cidadania brasileira para os afro-brasileiros é longe de ser completo e satisfatório.

No entanto, o conto, sem desvendar o mistério sobre a procedência do cheiro, encerra-se com uma imagem que sugere o sincretismo das culturas, representado de forma poética através do conluio entre as espumas das águas dos puxadinhos e as espumas das águas do mar:

Dizem que foi um momento de rara beleza quando as espumas das águas dos puxadinhos se confluíram com as espumas das águas do mar. E dizem mais ainda. Dizem que os moradores dos puxadinhos, até hoje, de dia brincam no mar e de noite voltam para o morro. E de lá de cima, quando o sol cansado, como eles, começa se esconder para o preparo de um novo dia, canções e passos ritmados são ouvidos. São eles cantando e dançando diante da visão das longínquas águas marítimas. Águas que, vistas de longe, pode-se supor para eles, lagoa, tal é a aparente calma (EVARISTO, 2017, p. 58).

Essa imagem sugere o necessário convívio entre os moradores dos puxadinhos, representando as classes pobres, e os moradores das mansões, representantes da elite brasileira. O fato das águas do mar se misturarem com as águas dos puxadinhos confere a ideia de uma legitimidade em ocupar o território pelos habitantes dos puxadinhos que, assim como os nobres moradores das mansões, têm o direito de morar nesse cenário paradisíaco. A "aparente calma", que faz com que essas águas, vistas de longe, possam ser confundidas com uma lagoa, poderia ser uma alusão ao fato de que, por muito tempo, não houve uma verdadeira discussão sobre a questão da escravidão e do seu legado dentro da sociedade brasileira.

"O sagrado pão dos filhos": a representação de resistências

De forma constante, Conceição Evaristo procura denunciar a marginalização e a exclusão sistemática dos negros ao longo da história do Brasil. Sempre insiste em efetuar um paralelo entre os tempos da escravidão e o momento presente vivido pelo negro brasileiro, frequentemente relegado às margens da sociedade e interditado de acessar os espaços de decisão e poder da sociedade brasileira. Muitas vezes na sua obra, os dados temporais são vagos, tornando difícil para o leitor situar a época de que se trata. Como é o caso do conto "O sagrado pão dos filhos" (2017), no qual a protagonista se aparenta a uma escrava da Casa Grande, apesar de ter nascido em 1911. Assim, a autora denuncia o fato de que, apesar da escravidão ter sido abolida em 1888 no Brasil, as condições de vida dos afro-brasileiros continuam péssimas em diversos aspectos.

Podemos conceber isso como uma estratégia narrativa visando a demonstrar até que ponto as dinâmicas de exclusão e de poder presentes na sociedade brasileira escravagista continuam presentes, apesar de se manifestar sob formas diferentes, como é o caso da relação de poder que existia entre o Senhor e a escrava da Casa Grande, que deixou lugar a uma relação de poder muito semelhante entre o patrão e a empregada doméstica.

Essa estratégia permite assumir um discurso reivindicativo e falar sobre a dívida histórica do Brasil para com a população negra. No conto, a autora faz o retrato da nobre família Correa Pedragal como representante de uma elite poderosa que herdou posses e bens ao longo dos séculos:

A família Correa Pedragal, ainda hoje, é uma das famílias mais ricas da cidade de Imbiracitê, no estado de Campos Azuis. Riqueza construída, dizem, ainda nos tempos das Sesmarias; são proprietários, até hoje, de terras e mais terras, usinas, gados, armazéns, farmácias, fábricas de tratores, de cervejas, de perfumes, e não sei mais de quê...E de geração a geração, os descendentes dos Correa Pedragal herdaram não só os bens materiais, mas também a prepotência dos antigos senhores. Acostumados a mandos e desmandos, inclusive as mulheres; Dona Isabel Correa Pedragal e sua prole de sinhazinhas exerciam (ou exercem ainda) uma vigilância cruel sobre quem trabalha com eles (EVARISTO, 2017, p. 37).

Muitas vezes, para problematizar as desigualdades socioeconômicas no Brasil, Conceição Evaristo faz uma comparação entre a opulência, de bens ou de comida, de algumas famílias, ao lado da escassez de recursos de famílias menos favorecidas. As injustiças começavam logo na juventude, na qual, muitas vezes a infância das crianças negras era roubada, para que pudessem servir de babá, brinquedo – ou seja, o corpo da mulher negra como objeto a serviço do outro –, para as crianças da Casa Grande:

Andina Magnólia dos Santos, filha de Jacinta dos Santos e de Bernadino Pereira, cresceu sob os mandos da casa-grande, embora tenha nascido em 1911. Servindo à família Pedragal, desde pequena sendo a menina-brinquedo, o saco-de-pancadas, a pequena babá, a culpada de todas as artes das filhas de Senhora Correa. Andina Magnólia cresceu forte, bonita e trabalhadora, apesar de tudo. Religiosa também. Temendo que “a pretinha da casa” – assim era chamada pela Senhora Correa e pelos familiares – se enveredasse pelos caminhos não tão católicos, a exemplo dos pais que rezavam para Jesus Cristo e um tal de Zâmbi, Dona Correa esmerou-se em plantar na menina a fé nas coisas da igreja de Padre Joaquim (EVARISTO, 2017, p. 38).

Ademais, a representação das desigualdades não se faz somente no âmbito material, mas também na vontade dos patrões de Andina de confiscar o seu patrimônio cultural e religioso, para que ela assim pudesse ser uma companhia melhor e não correr o risco de estragar suas filhas, e introduzir noções culturais e religiosas divergentes deles. Essas desigualdades continuam presentes quando, mais tarde, a “menina Bebel” foi trabalhar na casa da filha dos seus antigos funcionários, na qual tinha servido de babá, apesar de terem a mesma idade:

Andina foi destinada a trabalhar com uma das novas senhoras do império Pedragal. Isabel Correa Pedragal, antes a menina Bebel da casa-grande, a quem Andina havia servido de babá, apesar da mesma idade. E nos dias de Andina Magnólia, novos sofrimentos foram surgindo. Apesar do trabalho dela e do marido, muitas vezes faltava alimento para os filhos, enquanto na casa da patroa a fartura desperdiçava muito do que ela preparava no dia a dia (EVARISTO, 2017, p. 38-39).

De fato, a escassez de comida na casa de Isabel para nutrir seus filhos contrapõe-se de maneira revoltante à opulência que existe na casa da patroa. Além disso, a patroa não a deixa levar o excesso de comida para os seus filhos. Por isso, ela resolve adotar uma estratégia que pode ser aproximada ao conceito de “resiliência” evocado por Figueiredo (2020), considerado como: “a força interna que leva uma pessoa a não sucumbir apesar de todas as provações” (FIGUEIREDO, 2020, p. 155). Para enfrentar essa situação extremamente injusta, Andina resolve usar de estratégias ocultas como forma de resistência a um sistema opressor, nesse caso, a patroa dela, que, de certa forma representa a continuidade da autoridade que era exercida pelo Senhor sob os escravos da Casa Grande:

Um dia Andina pediu à patroa um dos pães para levar para casa e não recebeu uma resposta positiva. E, a partir desse dia, além de ter de se contentar com um único pedacito que a patroa cortava e lhe dava, tinha de comer diante dela, sem nada levar para a casa. Andina aparentemente obedecia, mas, à medida que comia, deixava alguns pedaços, farelitos, cair no peito, entre os seios por debaixo da blusa. E todos os dias a mãe levava o pão sagrado para os filhos. Farelos, casquinhas, infimos pedacinhos saíam engrandecidos e fartos do entresseios de Andina Magnólia. Dela, do corpo dela, o pão sagrado para os filhos. O alimento ainda vinha acompanhado de leite. Sim! De leite, apesar de Magnólia ter deixado de amamentar a menorzinha de cinco filhos havia tempos; a menina não tinha nem um ano. Não porque quisera, mas porque o leite secara, na medida em que ela se distanciara da amamentação, por força do trabalho. Entretanto, dois anos depois, o benfazejo líquido materno jorrou novamente. E, enquanto foi preciso, todas as noites, Andina Magnólia chegava em casa e celebrava, junto à sua família, a multiplicação do pão sagrado para os filhos. Celebração em que Zâmbi, por força de sua presença, transformava o mínimo trazido por Magnólia na fartura do alimento para os seus protegidos (EVARISTO, 2017, p. 39).

No entanto, é justamente graças à ajuda conseguida pela figura de Zâmbi, que na umbanda seria um equivalente de Deus, que Andina consegue superar as adversidades às quais é confrontada cotidianamente. Isso, de diversas formas, ecoa com o fato de que a manutenção

de suas religiões, mesmo que de forma oculta, tenha ajudado os escravos a suportar e superar a violência do sistema escravagista, a dor, o banzo, as humilhações cotidianas e, de modo mais amplo, a simples negação da sua humanidade. Assim, manter alguns aspectos linguísticos, culturais e religiosos pode ser considerado como meio de resiliência:

Se aqueles que detêm o poder usam estratégias, os subalternos só podem utilizar táticas, usar o tempo a seu favor já que não possuem o domínio de um espaço próprio. A tática não pode ter um projeto global nem totalizar o adversário em um espaço distinto, visível e objetivo; ela precisa aproveitar as oportunidades que surgem, ser rápida, desviar a força do outro em seu proveito. O que ganha não pode ser guardado. Esse não lugar lhe dá mobilidade, mas nenhuma segurança, precisa aproveitar as brechas que as conjunturas particulares abrem em sua vigilância (1990, p. 61). A tática se manifesta em muitas formas de estratégias a fim de desfazer o jogo do poder e no jogo há uma "arte nos golpes, um prazer em virar as regras de um espaço que pressiona" (1990, p. 35) (FIGUEIREDO, 2020, p. 156).

Mesmo que os donos do poder tentem impor sua autoridade de forma quase totalitária, existe um jogo exercido pelos subalternos que reside em desfazer as regras, como referido acima por Figueiredo (2020). A representação de Andina como um tipo de Virgem Maria, multiplicando o pão e o leite – no lugar do tradicional vinho – para poder alimentar os filhos, lhe confere uma imagem mistico-religiosa. Além dessa representação de Andina estar ligada ao conceito de "resiliência" exercido pela mulher negra brasileira, ela sugere também o sincretismo religioso, aspecto que é afirmado em vários contos da autora, como em "A moça do vestido amarelo" (2017), como veremos agora.

"A moça do vestido amarelo": o "recôndito-eu", ancestralidade e resiliência

No Brasil, a exclusão de minorias, que vem acontecendo há séculos, tanto do projeto literário quanto do projeto de sociedade em geral, faz com que essas vozes abafadas, silenciadas, surjam novamente, para contradizer os modelos hegemônicos que as silenciaram. Essa exclusão pode gerar dentro de um grupo social um sentimento

de "identidade negativa", como o explicou Mucchielli (1986). A menorização dessa identidade faz surgir uma necessidade de valorização. Para encontrar as raízes de uma história valorizante, o recurso ao passado e até à mitologia pode ser frequente, pois como o explicou Mucchielli: "Para um grupo, a rejeição de partes da sua identidade negativa pode passar pela reescrita de sua história (a constituição de uma história mítica)" (MUCCHIELLI, 1986, p. 92).

Michael Pollak desenvolveu o conceito de "memórias subterrâneas" na base de entrevistas que ele fez com judeus que sobreviveram aos campos de concentração. O extermínio massivo dos judeus durante o período nazista fez com que somente rastros de memórias permanecessem pelas gerações seguintes. Ao referir-nos aos vestígios de memórias deixadas para as gerações seguintes pelos escravos africanos levados à força ao Brasil, a teoria de Pollak adapta-se perfeitamente a essa realidade, embora tenha nascido num contexto diferente. O denominador comum é a tentativa de apagamento da memória cultural de um povo oprimido, esmagado por uma cultura hegemônica. Zilá Bernd (2017) evocou o conceito dos vestígios, para falar sobre essas marcas memoriais que sobreviveram no tempo, apesar das inúmeras tentativas de apagamento:

Entre memória e esquecimento, o que sobra são os vestígios, os fragmentos do vivido, o qual jamais pode ser recuperado na sua integralidade. De onde a preocupação dos regimes totalitários em "apagar os rastros" para que seus atos arbitrários não possam ser lembrados. Mas sempre sobra algum rastro que a sensibilidade dos escritores consegue retrair e incorporar à matéria poética. Desse modo, se nossa memória é um receptáculo de resíduos, a literatura também o é, constituindo-se de intrincadas redes intertextuais que contêm vestígios, fragmentos de leituras feitas ao longo da vida e que emergem em textos da contemporaneidade. Os textos literários nos ensinam que as reminiscências se recompõem através dos vestígios, sendo que os espaços lacunares são completados com a invenção, o empréstimo e a imaginação já que o vivido é limitado no tempo, enquanto o acontecimento lembrado é sem limites, para retomarmos uma vez mais os ensinamentos incontornáveis de W. Benjamin para os estudos da memória e dos rastros (BERND, 2017, p. 381).

Apesar de nunca poder recuperar essas memórias na sua integralidade, a obra literária pode servir para preencher as lacunas, graças à matéria poética (BERND, 2017, p. 381). O papel da literatura nesse processo é de permitir às memórias subterrâneas de emergir, e gerar toda uma série de perguntas sobre o seu apagamento sistemático. Essas memórias, deliberadamente silenciadas pela história oficial, servem para impor um ponto de vista hegemônico sobre o passado de uma sociedade. No entanto, algumas vezes grandes estruturas de poder tentaram apagar certas memórias, que conseguiram se manter pois foram transmitidas em estruturas de comunicação informais, como é o caso de memórias vergonhosas, proibidas ou indizíveis:

As memórias proibidas (o caso dos crimes estalinianos, por exemplo), indizíveis (o caso dos deportados) ou vergonhosas (o caso dos incorporados à força) são transmitidas em estruturas de comunicação informais ou associativas enquanto continuam despercebidas pela sociedade ao seu redor. Mais uma vez, as memórias se modificam, em função daquilo que é dito no presente, em reação ao que se diz ao seu redor; em função das condições materiais de transmissão (suporte oral ou escrito, institucional ou clandestino), e, num prazo maior, das relações desenvolvidas entre as gerações. Essas diversas memórias se transmitem e se constroem muitas vezes independentemente umas das outras, umas contra as outras, mas há também pontos de convergência, conjunturas favoráveis à confrontação pública (POLLAK, 1993, p. 72, tradução nossa).³

Podemos associar o conceito de Michael Pollak sobre estruturas de comunicação informais à oralidade que permitiu passar memórias de uma geração à outra entre os primeiros negros brasileiros, proibidos de manter suas culturas. Nesse caso, o grupo minorizado tenta justamente guardar preciosamente essas memórias proibidas, para que elas permaneçam através do tempo. Assim: "Indivíduos e certos grupos podem insistir em idolatrar justamente aquilo que os quadros de uma memória coletiva num nível mais global

tentaram minimizar ou eliminar" (POLLAK, 1993, p. 35). Isso cria tensões e contradições entre "a imagem oficial do passado e memórias individuais." (POLLAK, 1993, p. 35). A ideia da tentativa de resgate de uma memória minorizada poderia ser o fio condutor do pequeno conto "A moça do vestido amarelo" (2017), no qual a protagonista Dóris, sonha desde criança com uma mulher de vestido amarelo. De maneira sutil, a narradora sugere que essa moça de vestido amarelo poderia ser uma santa de outra religião, mesmo que isso não seja assumido de maneira pública pela avó, único membro da família a entender a origem da moça do vestido amarelo, e que, de certa maneira, é uma figura da ancestralidade muito representativa da transmissão cultural intergeracional:

Mas, entretanto, um detalhe não se ajustava bem. Por que a mudança da cor do manto da santa? Azul e branco eram as cores preferidas da Santa católica...Pelo que sabe a Senhora Católica nunca havia aparecido de amarelo. O padre, ao ser informado sobre o sonho da menina, foi lacônico e certo em direção à resposta. Com um tom de contrariedade na voz, olhou severo para a Vó de Dóris, como se ela tivesse alguma culpa sobre o sonho da menina. E mordendo as palavras respondeu que deixasse estar, cada qual sonha com o que está guardado no inconsciente. E no inconsciente, nem a força do catecismo, da pregação e nem as do castigo apagam tudo (EVARISTO, 2017, p. 24).

Ao longo dos séculos, várias manifestações religiosas ou culturais provenientes da África foram proibidas. No entanto, apesar disso, algumas dessas manifestações conseguiram sobreviver ao esquecimento do tempo, geralmente através da oralidade como modo de transmissão cultural. No conto, a reação do padre é muito reveladora e faz referência à tentativa antiga de estruturas de poder hegemônico da sociedade brasileira (aqui, no caso, da igreja) de apagar a memória cultural dos africanos. As memórias minorizadas, quase reduzidas ao silêncio fazem, no entanto, parte da memória coletiva e, dificilmente, podem

³ Do original: Les souvenirs interdits (le cas des crimes staliniens, par exemple), indicibles (le cas des déportés) ou honteux (le cas des incorporés de force) sont transmis dans des structures de communications informelles ou associatives tout en restant inaperçus de la société environnante. Là encore, les souvenirs se modifient, en fonction de ce qui se dit au présent, en réaction à ce qui se dit autour de soi ; en fonction des conditions matérielles de transmission (support oral ou écrit, institutionnel ou clandestin) et, à plus long terme, des rapports entretenus entre générations. Ces différentes mémoires se transmettent et se construisent souvent indépendamment les unes des autres, les unes contre les autres, mais il y a aussi des points de rencontre, des conjonctures favorables à la confrontation publique.

ser totalmente apagadas. As memórias coletivas impostas à força pela história oficial entram em contradição com as histórias contadas oralmente no seio da comunidade afro-brasileira. Isso cria o que Soares (2017) qualificou de “tensão dialética”:

A tensão dialética entre a concepção de Halbwachs, com a memória coletiva que chega a se tornar nacional, e a concepção de Pollak, que contempla uma negligência com um patrimônio cultural marginalizado, começou a fornecer subsídios para os métodos da história oral. Geralmente, o acervo cultural de povos negligenciados não foi codificado por escrito, tendo sobrevivido na oralidade, e por meio de tradições festivas, com cantos, danças e performances variadas. É o exemplo emblemático de tradições afro-brasileiras que atravessaram os séculos, confinadas nas senzalas, morros e favelas, tendo como suporte significativo apenas as trocas indiciais permitidas pelos contatos orais. Candomblés, afoxés e a capoeira são algumas manifestações culturais proibidas de serem praticadas e perseguidas pela polícia até os meados do século XX. Dessa forma, percebe-se que a história oral, utilizando como fonte a memória de um testemunho para a compreensão de uma sociedade, tem contribuído para alojar bens culturais marginalizados no plano hegemônico da cultura coletiva nacional (SOARES, 2017, p. 292).

A evocação dessas memórias subterrâneas representa uma forma de resistência contra o pensamento hegemônico de uma sociedade dominante. Aqui, podemos pensar nos escravos africanos que tiveram que praticar suas religiões de forma oculta:

Um dia, aos sete anos, acordou sorridente dizendo que havia sonhado com a moça do vestido amarelo. A moça que ela via sempre e que alguns de sua família entendiam como sendo uma amiga imaginária da menina. Só sua avó sabia muito bem de que moça, a Sãozinha estava falando. Espantos tiveram todos, menos a avó. O sonho acordara Dóris, bem no dia da sua primeira comunhão. Não poderia Dóris ter sonhado outros sonhos? Anjinhos dançando e voando em algum lugar azul-celeste? Não poderia ter sonhado com a hóstia consagrada, a quem devemos tanto respeito? E por que não sonhara com o cálice bento? (EVARISTO, 2017, p. 23).

Graças à literatura, todas essas memórias outrora proibidas, minorizadas e silenciadas adquiriram um suporte escrito, o que lhes garantiria uma continuidade temporal. Hoje, a busca por um resgate de memórias subterrâneas é significativa

e pode ser vista através da obra literária de Conceição Evaristo. O conto termina com a ideia de um certo sincretismo religioso afro-brasileiro, mas vale ressaltar que isso não significaria o apagamento das matrizes religiosas africanas em favor das outras matrizes, como foi tantas vezes o caso:

Na hora da comunhão, o rosto de Dóris se iluminou. Uma intensa luz amarela brilhava sobre ela. E a menina se revestiu de tamanha graça, que a Senhora lá do altar sorriu. Uma paz, nunca sentida, inundou a igreja inteira. Ruídos de água desenhavam rios caudalosos e mansos a correr pelo corredor central do templo. E a menina em vez de rezar a Ave-Maria, oração ensaiada por tanto tempo, cantou outro cumprimento. Cantou e dançou como se tocasse suavemente as águas serenas de um rio. Alguns entenderam a nova celebração que ali acontecera. A avó de Dóris sorria feliz. Dóris da Conceição Aparecida, cantou para nossa outra Mãe, para a nossa outra Senhora (EVARISTO, 2017, p. 25).

Por isso, com uma fineza e uma sensibilidade extrema, a autora conseguiu fazer um retrato da permanência dessas memórias fragilizadas através dos séculos, mas que mesmo assim sobreviveram à tentativa de apagamento. Existe uma grande beleza na evocação dessas memórias minorizadas. Os elementos representativos da religião afro-brasileira presentes na memória coletiva de Dóris não são evocados de forma concreta (o amarelo é às vezes associado à figura de Oxum, a orixá “Mãe do amor” no candomblé), porém, o leitor entende muito bem de quem se trata quando a autora se refere à “nossa outra Senhora”.

Considerações finais

Com a escolha desses três contos específicos de Conceição Evaristo, resolvemos ressaltar aspectos importantíssimos da obra da autora, que são: a denúncia das injustiças, a representação de resistências diante das adversidades, a ancestralidade e a resiliência. Essas características estão ligadas às vivências da comunidade afro-brasileira ao longo dos séculos. Por isso, consideramos que a escrita da autora pode ser associada à noção de um “eu-coletivo”, em que muitas vezes o narrador tenta dar voz aos que foram silenciados há séculos.

O formato do conto permite, graças às frases curtas, pungentes e por vezes lacônicas, criar um impacto maior no leitor, e assim despertar sua consciência para as questões tratadas pela autora, que são questões que dizem diretamente respeito aos afro-brasileiros.

O uso de algumas repetições ou expressões como “repito”, “digo”, conferem a sensação de oralidade e lembram a primeira formação literária que a autora recebeu desde a infância: a grande tradição oral presente na sua família. Podemos perceber que essa tradição oral não era simplesmente ligada à família dela, mas sim a uma tradição oral maior: a dos antigos escravos africanos que passaram suas memórias de forma oral de uma geração para a outra. Ao colocar todas essas memórias na escrita, a autora, potencializa a circulação desses relatos em esferas nas quais nunca haviam sido estudadas anteriormente (a título de exemplo, podemos nos referir às provas do Enem ou do vestibular que frequentemente incorporam trechos da obra da autora para serem analisados). Dessa maneira, essas memórias já não sofrem mais o risco de ser apagadas e poderão sobreviver no tempo.

Referências

ARAÚJO, Bárbara. Entrevista com Conceição Evaristo. In: *Blogueiras feministas*. IS. I.J, 30 set. 2010. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo>. Acesso em: 19 ago. 2021.

BERND, Zilá. Memória cultural. In: PALMERO GONZÁLEZ, Elena. *Em torno da Memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afro descendência no Brasil: -antologia crítica. v. 4 (história, teoria, polêmica)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2015.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2011.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

FIGUEIREDO, Euridice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

FIGUEIREDO, Euridice. *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.

MUCCHIELI, Alex. *L'identité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.

POLLAK, Michael. *Une identité blessée*. Paris: Éditions Métailié, 1993.

RIBEIRO, Djamila. *La place de la parole noire*. Paris: Éditions Anacaona, 2019.

SOARES, Licia. Memórias marginais/subterrâneas. In: PALMERO GONZÁLEZ, Elena. *Em torno da Memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2017. p. 291-299.

Pauline Champagnat

Doutora em Literatura Brasileira pela *Université Rennes 2*, na França; pós-doutoranda na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, Brasil. Professora de português na faculdade *Agrocampus Ouest* em Rennes, na França). Membro associada da equipe ERIMIT-*Equipe de Recherches Interlangues "Mémoires, Territoires et Identités"*.

Endereço para correspondência

Université Agrocampus Ouest
Bâtiment 25, secrétariat de langues
65, rue de Saint-Brieuc, 35000
Rennes, France

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.